

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

O POVOADO DO BRONZE FINAL DO CASTELO DOS MOUROS (SINTRA)

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - INTRODUÇÃO

A existência de materiais da Idade do Bronze no Castelo dos Mouros, Sintra, tanto na área intramuros como extramuros da fortaleza medieval foi plenamente reconhecida em Setembro de 1976, ano em que uma pequena equipa do Centro Cultural Roque Gameiro, da Amadora, ali procedeu a diversas prospecções no âmbito das actividades de uma então existente Comissão Interconcelhia de Arqueologia, sediada naquela Associação Cultural. Os materiais recolhidos conservam-se actualmente na sede da ARQA – Associação de Arqueologia da Amadora, onde foram estudados e desenhados pelo signatário em 1994. Endereçamos aos responsáveis da Associação os devidos agradecimentos pela autorização concedida para aquele efeito, extensivos igualmente aos Drs. J. Cardim Ribeiro, Teresa Simões e Rui Oliveira – um dos participantes naquelas prospecções – que facultaram elementos fotográficos obtidos no decurso dos trabalhos, depositados pelo último no Museu Regional de Sintra.

Em 1998, António Gonzalez, dirigente e principal animador do Centro Cultural Roque Gameiro em 1976, acompanhou o signatário ao local, tendo em vista a localização da área onde os trabalhos de 1976 se concentraram, actualmente completamente mascarada por abundante vegetação. Foram então, recolhidos circunstancialmente mais alguns materiais, junto à Porta Giratória e no Parque das Merendas, no próprio caminho de terra batida, alguns dos quais constam igualmente desta publicação.

⁽¹⁾ *Da Academia Portuguesa de História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa) e Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Câmara Municipal de Oeiras.*

2 - CARACTERÍSTICAS GEOMORFOLÓGICAS E DISTRIBUIÇÃO DOS ACHADOS

A serra de Sintra, na verdade toda ela uma montanha sagrada, de forte carga simbólica (RIBEIRO, 1982/83) certamente desde tempos pré-históricos, contém numerosos testemunhos arqueológicos de quase todas as épocas. No que a este trabalho diz mais particularmente respeito, e no sector concernente ao Castelo dos Mouros, coroado por píncaro cuja altitude máxima atinge os 459 m., tal realidade é evidente. Com efeito, o caos de blocos graníticos ali existente, distribuindo-se quase até ao sopé da elevação, foi propício à conservação, nas anfractuosidades rochosas, com preenchimentos terrosos recentes facilmente removíveis, de abundantes fragmentos de cerâmicas da Idade do Bronze, os quais, pela acção da gravidade, se dispersam de forma quase homogénea, ao longo das encostas, concentrando-se em pequenas plataformas aparentemente naturais, porém sempre em posição derivada. Tais factos permitem concluir que, na época em causa, foi a elevação intensamente ocupada, aproveitando-se todos os abrigos naturais ou pequenas rechãs para a implantação de estruturas habitacionais, ou, em alternativa, não necessariamente incompatível, para depósitos rituais ou oferendas, hipótese consentânea com o aludido significado mágico da montanha e, em especial, do morro onde mais tarde se implantou o Castelo dos Mouros (Figs. 1 e 2). Com efeito, recolheram-se até ao presente, materiais cerâmicos da Idade do Bronze, entre outros, nos seguintes locais:

- 1 - plataforma situada a meia altura, a cerca de 370 m de altitude, da encosta poente do morro do Castelo dos Mouros: foi nesse local que se efectuaram a larga maioria das colheitas de 1976. É provável que se trate de plataforma natural; porém, só uma desmatização completa, seguida de trabalhos arqueológicos aprofundados possibilitará a confirmação desta hipótese (Fig. 3 e 4); o sítio domina, do lado oriental, pequeno vale com orientação para Norte;
- 2 - zona da porta giratória: o notável amontoado de blocos graníticos, formando por vezes grandes abrigos sob rocha, que se observa nesta zona forneceu algumas cerâmicas da Idade do bronze, as quais se dispersam até ao caminho adjacente (Fig. 7);
- 3 - parque das merendas: na parte inferior da encosta setentrional do morro do Castelo dos Mouros, serpenteiam múltiplos caminhos de terra batida, correspondentes a um parque que se desenvolve em patamares sucessivos, vencendo o íngreme declive. São frequentes nesses espaços, modernamente afeiçoados pelo Homem, fragmentos cerâmicos da Idade do Bronze (Fig. 8), sendo muito fácil a sua identificação e recolha: este local foi, com efeito, referido anteriormente (RIBEIRO, 1996, Coord.), guardando-se no Museu Regional de Sintra abundante amostragem, à qual se juntará o pequeno conjunto ora publicado.
- 4 - Capela de São Pedro de Canaferrim: no decurso das escavações realizadas no interior deste templo medieval recolheram-se numerosas cerâmicas da Idade do Bronze avultando, entre elas, fragmento de vaso de colo com decoração de ornatos brunidos (RIBEIRO, 1996, Coord., p. 247; CARREIRA, 1994, Fig. 8, n.º 3), típicos do Bronze Final.

3 - TRABALHOS REALIZADOS, RESULTADOS OBTIDOS

A existência de plataforma na encosta poente do morro do Castelo dos Mouros (Fig. 4) potenciava a ocorrência, em quantidade acrescida, de materiais arqueológicos os quais, como vimos, apresentam larga distribuição por toda a elevação. Deste modo, a equipa constituída em 1976 para prospecção da região optou por proceder à limpeza do terreno, coberto por espesso manto vegetal, permitindo a ulterior implantação de uma quadrícula, em área circunscrita, de 2 x 2 m. Foi este espaço, assim delimitado, que se aprofundou alguns centímetros, até se ter atingindo camada sub-superficial muito rica em cerâmicas pré-históricas, integralmente recolhidas (Fig. 5). O espaço limitado desta sondagem e a pequena profundidade atingida, não possibilitaram a identificação de quaisquer estruturas ou estratigrafias.

4 - OS MATERIAIS⁽¹⁾

Os materiais representados da Fig. 6 em diante, com excepção das Figs. 7 e 8, provêm exclusivamente das recolhas efectuadas na pequena área investigada, referida anteriormente. Limitou-se a análise ao espólio cerâmico de fabrico manual que, além de constituir a quase totalidade do conjunto arqueológico, evidenciava marcada homogeneidade, ao contrário de escassos artefactos líticos, também recolhidos, correspondentes a oito fragmentos de sílex incaracterísticos e a dois blocos de arenito de recorte tipológico mal definido, e, por isso, susceptíveis de poderem pertencer a diferentes épocas. Todos os fragmentos cerâmicos com interesse tipológico (bordos, carenas, asas ou fundos) foram desenhados, representando-se, deste modo, a globalidade da amostragem disponível. Há a assinalar, porém, a existência fragmentos incaracterísticos da Idade do Ferro, de pastas muito bem depuradas e colorações alaranjadas produzidos ao torno rápido, aos quais se poderão associar alguns fragmentos de escórias de ferro. Atendendo às limitações estratigráficas disponíveis, é difícil discutir a relação entre estes materiais e os que constituem o presente trabalho, dificuldade acrescida pela ocorrência, da mistura com tais materiais, de alguns fragmentos de cerâmicas medievais ou mesmo modernas.

4.1 - Cerâmicas decoradas

4.1.1 - Cerâmicas de ornatas brunidas

Representadas por dois fragmentos de taças carenadas, ostentando na face externa a característica técnica de ornatos brunidos, correspondentes a padrões geométricos reticulados (Fig. 6). O fragmento

⁽¹⁾ Os desenhos que ilustram as Fig. 9 a 13 deste artigo são da autoria de J. L. Cardoso, tendo sido tintados por Carlos Lemos.

de menores dimensões mostra decoração de padrão indefinido, logo abaixo do bordo, ao contrário do fragmento maior, de taça carenada, decorada no espaço situado sob a carena, e até o fundo. O padrão decorativo, correspondente a faixas oblíquas preenchidas interiormente, alternantes com triângulos igualmente preenchidos, tem paralelo em um bem conhecido fragmento de taça oriundo da Lapa do Fumo, Sesimbra (SERRÃO, 1958, Est. IV; CARREIRA, 1994, Fig. 8, n.º 2; CARDOSO, 1996, p. 10, n.º 1; p. 12, n.ºs 4 e 5). O mesmo padrão de faixas oblíquas com preenchimento interior de linhas cruzadas pode observar-se, ainda, em fragmento de taça carenada do abrigo grande das Bocas, Rio Maior (SPINDLER *et al.*, 1973/74, Fig. 18a; CARREIRA, 1994, Est. XXVIII, n.º 7).

4.1.2 - Decorações plásticas

Neste grupo integram-se dois fragmentos, pertencentes a taças carenadas, ostentando pequenos mamilos, sobre a carena (Fig. 11, n.ºs 10 e 12). Tais mamilos, de carácter evidentemente não funcional, mas decorativo ou mesmo simbólico, são frequentes em taças carenadas do Bronze Final da Estremadura onde ocorrem, por vezes, aos pares, facto que reforça o aludido simbolismo. Enfim, fragmento de recipiente de grandes dimensões e de acabamento muito grosseiro, exhibe cordão plástico aparentemente contínuo, bem marcado (Fig. 12, n.º 5), pertencente provavelmente a forma aberta, troncocónica.

4.2 - Cerâmicas lisas

As cerâmicas lisas integram dois grandes grupos formais, os dos recipientes fechados e o dos recipientes abertos, nos quais, por sua vez, se englobaram as seguintes formas:

4.2.1 - Formas fechadas

- *esféricos* - representados por recipientes de bordos não espessados, por vezes extrovertidos. As paredes são convexas, por vezes marcadas por ténue depressão, o que permite afastar a possibilidade, mesmo em pequenos fragmentos, de pertencerem a vasos de carena alta: nestes casos o bojo teria perfil rectilíneo ou côncavo. Os exemplares pertencentes a esta forma representam-se na Fig. 9, n.º 1, n.º 5, n.º 9; Fig. 13, n.ºs 4 e 9.
- *grandes vasos de perfil suave* ("vasos de provisões") - trata-se de recipientes não carenados e fechados, certamente de fundo aplanado, realidade que desaconselha a sua inclusão no grupo dos "esféricos"; possuem paredes reentrantes, e o bordo pode ser revirado, formando aba extrovertida (Fig. 9, n.º 8) ou apresentar-se, pelo contrário, espessado interiormente e muito reentrante (Fig. 13, n.º 14). É provável que o grande exemplar de Fig. 11, n.º 1 pertença igualmente a esta categoria.
- *grandes vasos carenados* - mesmo que não se conserve, nalguns exemplares, qualquer porção de carena, a identificação de tais fragmentos com esta forma resulta do perfil rectilíneo ou côncavo de parte superior do bojo, sempre reentrante, como se verifica nos exemplares das Fig. 9, n.ºs 2

e 6; Fig. 10, n.º 6; Fig. 13, n.º 7. Naturalmente, tal questão não se coloca nos fragmentos que conservam parte de carena, como os da Fig. 11, n.ºs 9 e 11. Os bordos destes recipientes apresentam-se em geral não espessados, com lábios convexos ou aplanados. Em geral, as carenas são altas, reconhecendo-se apenas um exemplar cuja carena seria mediana ou baixa (Fig. 13, n.º 10).

4.2.2 – Formas abertas

- *grandes vasos de tendência cilíndrica ou tronco-cônica* – trata-se de recipientes de dimensões muito variadas, os maiores de manufatura rude, paredes irregulares e de tendência vertical ou ligeiramente inclinadas para o exterior (Fig. 9, n.º 3; Fig. 10, n.ºs 1, 3, 4 e 7; Fig. 11, n.º 2; Fig. 13, n.ºs 1 a 4 e 6, 8, 11 e 12). Os fundos de tais recipientes seriam planos; os bordos, geralmente simples e de lábio convexo, podem, porém, apresentar-se espessados e mesmo com tendência em aba, como o da Fig. 13, n.º 6 ou de lábio aplanado (Fig. 10, n.º 3).
- *taças em calote* – esta forma é de ocorrência limitada, estando apenas representada pelos fragmentos da Fig. 9, n.º 7, da Fig. 11, n.º 3 e da Fig. 13, n.º 13. Os bordos são sempre simples, e os lábios convexos (em dois exemplares) ou aplanado (no restante).
- *taças carenadas* – trata-se da forma característica da Idade do Bronze, com a parte do bojo, acima da carena, de perfil côncavo. As dimensões destas taças jamais atingem as dos vasos fechados referidos anteriormente: são invariavelmente recipientes de tamanho pequeno a médio (Fig. 9, n.º 4; Fig. 10, n.ºs 2, 5, 8 e 10; Fig. 13, n.º 5), compatível com as dimensões dos dois exemplares de ornatos brunidos já referidos. Dois exemplares conservam restos de elementos de preensão: trata-se de uma asa, partindo do bordo de um deles, da qual se observa o arranque (Fig. 10, n.º 2) e de uma pega alongada e vertical, munida de perfuração horizontal (Fig. 10, n.º 5).

4.3 – Diversos

Neste grupo incluem-se os fragmentos cujas características tipológicas não são suficientes para o conhecimento da forma geral dos recipientes respectivos.

4.3.1 – Asas

Para além dos casos atrás referidos, identificaram-se quatro fragmentos de asas, de secção mais ou menos lenticular ou globulosa, pertencente a recipientes indeterminados (Fig. 12, n.ºs 1 a 4).

4.3.2 – Fundos

A quase totalidade das formas identificadas possuiria fundos planos, com excepção das taças em calote, apenas representadas por três fragmentos. Os fundos recuperados podem, deste modo,

reportar-se a exemplares de dimensões muito variáveis, desde os grandes “vasos de provisões”, correspondentes a formas fechadas, como as da Fig. 12, n.º 6 e da Fig. 13, n.ºs 16 e 19, até exemplares mais pequenos, a que pertenceriam os fragmentos da Fig. 13, n.ºs 15, 17, 18 e 20.

4.4 – Pastas e acabamentos

As pastas dos fragmentos cerâmicos observados têm, como seria de esperar, textura que é proporcional ao tamanho dos recipientes. Nos maiores, predominam pastas grosseiras com e.n.p. superiores a 0,5 mm. As colorações são predominantemente castanho-escuras, apresentando-se os núcleos, em geral, de colorações mais escuras que as superfícies, cujas tonalidades podem atingir o castanho-alaranjado. Tais observações configuram técnica de cozedura em ambiente redutor, com fase final oxidante.

Em observação microscópica, são predominantes os grãos de quartzo e de feldspatos brancos, mais abundantes estes últimos, facilmente observáveis. As micas, ou não ocorrem, ou limitam-se a pequeníssimas pontuações brilhantes. Certos corpos negros poderão corresponder a minerais ferromagnesianos, muito raros ou mesmo ausentes na maioria dos fragmentos. Os grãos de quartzo, do ponto de vista morfológico, apresentam-se em geral angulosos ou subangulosos, desprovidos de rolamento.

Atendendo aos elementos de observação disponíveis, é lícito admitir-se, para a totalidade destas cerâmicas, produções locais ou regionais; com efeito, para desgordurantes das argilas, recorreu-se a elementos cuja mineralogia indica nitidamente a sua origem em rochas graníticas, que constituem boa parte do maciço eruptivo de Sintra.

5 – CONCLUSÕES

A tipologia do conjunto das formas cerâmicas manuais exumadas na pequena área onde se procedeu à recolha exaustiva de materiais arqueológicos é compatível com fase final do Bronze Final, confirmado pela presença de dois exemplares com a característica decoração de ornatos brunidos. As restantes formas, vistas globalmente, ocorrem nos raros contextos do Bronze Médio conhecidos da Baixa Estremadura, como o do povoado de altura do Catujal, Loures (CARDOSO & CARREIRA, 1993, Fig. 2; CARREIRA, 1994, Fig. 5 e 6), e o da necrópole da Lapa de Furada, Sesimbra (CARDOSO & CUNHA, 1995), ou do início do Bronze Final, como o do povoado da Tapada da Ajuda, Lisboa (CARDOSO *et al.*, 1986). Porém, algumas formas lisas, pelas particularidades que ostentam, como é o caso de taça com elemento de preensão perfurado horizontalmente (Fig. 11, n.º 5), com paralelos no monumento funerário do final da Roça do Casal do Meio, Sesimbra (SPINDLER *et al.*, 1973/74 Fig. 10 g), são susceptíveis de integração cronológico-cultural mais pormenorizada, no final do Bronze Final. Esta

conclusão é concordante com a implantação geomorfológica da estação. Com efeito, as características do Castelo dos Mouros, constituindo uma grande estação implantada em alto isolado, como indica a aludida dispersão dos achados, é compatível com a reiterada presença, em sítios com idênticas condições geomorfológicas, de cerâmicas de ornatos brunidos: para só citar três exemplos regionais, refiram-se os povoados de altura do Cabeço de Mouro, Abóboda, Cascais (escavações inéditas de G. Cardoso e do Autor) e do Cabeço dos Moinhos, Mafra (VICENTE & ANDRADE, 1971) e, num aro geográfico mais alargado, os povoados de altura de Monte da Pena (Torres Vedras) (MADEIRA *et al.*, 1972), e os de Pragança (Cadaval), Cabeço do Jardo (Torres Vedras), Chibanes (Palmela), Alcácer do Sal, Castelo do Giraldo e Coroa do Frade (Évora), Mangancha (Aljustrel), Ratinhos e Azougada (Moura), Caratão (Mação), Conimbriga (Condeixa-a-Nova), Tavadere e Santa Olaia (Figueira da Foz), todos eles referidos por SPINDLER *et al.* (1973/74). Ulteriormente, a presença de fragmentos de ornatos brunidos foi assinalada na Beira Baixa, nos povoados de altura de São Martinho, Castelo Branco (FARINHA, PINTO & VILAÇA, 1996); Castelejo, Sabugal; Monte do Frade, Penamacor e Alegrios, Idanha-a-Nova (VILAÇA, 1995), bem como no Alentejo, nos castros de Crespa e da Misericórdia (Moura) e no de Segóvia (Elvas) (GAMITO, 1990/92, p. 288 e notas 5 e 6).

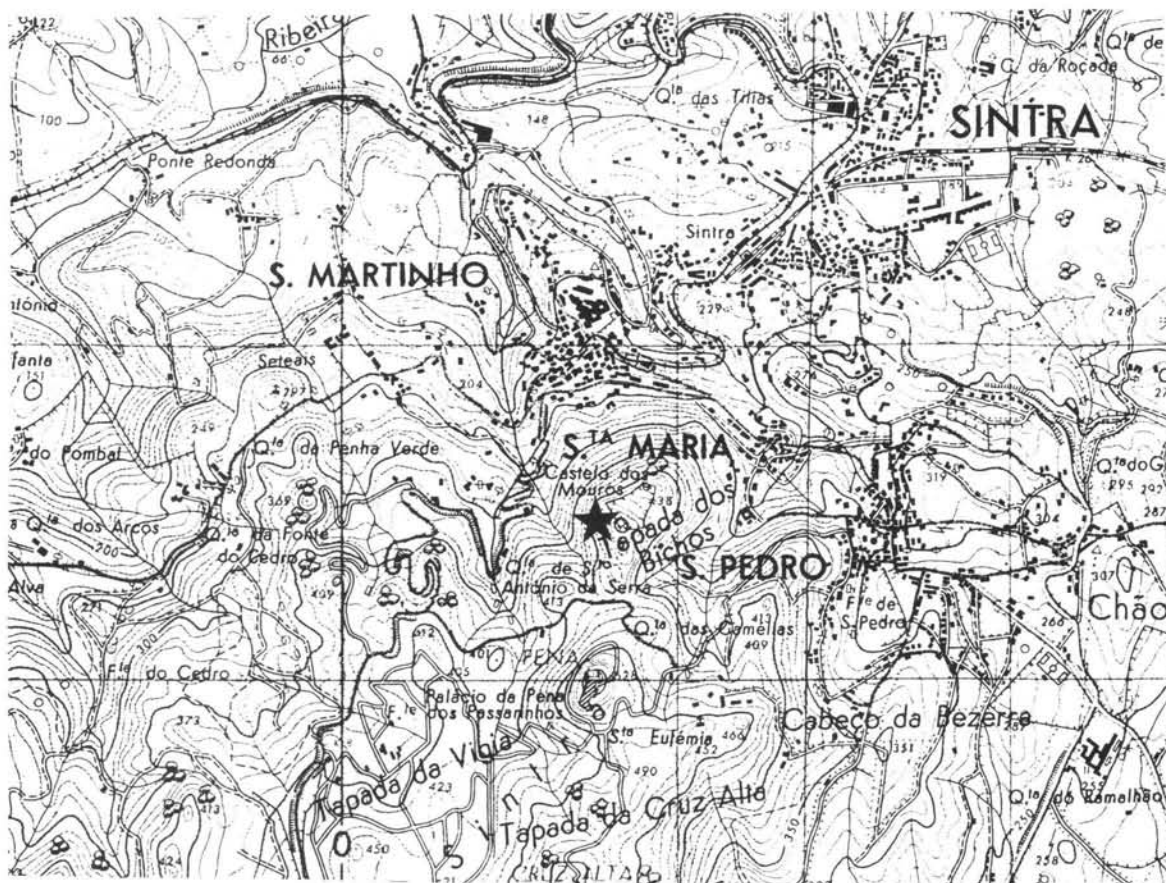
Ao contrário, a presença destas cerâmicas é excepcional em povoados abertos, desprovidos de boas condições naturais de defesa; como excepção, cite-se o “habitat” costeiro de carácter sazonal de Cerradinha, Santiago do Cacém (SILVA & SOARES, 1978) e o de Pontes de Marchil, Faro (MONTEIRO, 1980). Tal facto configura situação, já anteriormente referida (CARDOSO, 1995a, b; CARDOSO & CARDOSO, 1996), de os sítios de altura e com boas condições de defesa terem sido crescentemente procurados, no decurso do Bronze Final, situação que, no *terminus* desta fase cultural, se encontrava plenamente atingida. Tal realidade prende-se com a própria evolução da organização social então vigente: cada povoado de altura corresponderia, naturalmente, à sede de uma dada comunidade, cuja elite administraria um determinado território, do qual dependeria a própria subsistência do grupo. Por outro lado, é patente, por alguns achados de jóias auríferas coevas – de que o mais expressivo exemplo é o célebre colar achado nas proximidades, em Penha Verde com o peso de 1260g (PEREIRA, 1994; ARMBRUSTER, 1995) – a crescente hierarquização intracomunitária então definitivamente afirmada, tão exemplarmente expressa, noutras regiões do País, pelas estelas do final do Bronze Final, representando personagens guerreiros heroicizados, acompanhados pelos atributos que explicitavam a sua diferenciação social. A ser assim, o povoado do Castelo dos Mouros, poderá corresponder à sede de uma numerosa comunidade do Bronze Final dispersa pelas encostas e socacos ali existentes. Tendo presentes os considerandos anteriores, tal comunidade deverá ser reportada ao final desta fase cultural, ou mesmo a momento de transição para a Idade do Ferro. Com efeito, tal hipótese não é de excluir, podendo futuros trabalhos arqueológicos, virem confirmar a coexistência das cerâmicas indígenas de fabrico manual, largamente dominantes, com alguns materiais cerâmicos importados, produzidos ao torno rápido, de origem orientalizante, presentes no local, questão que seria de muito interesse ver investigada, por corresponder a momento de charneira, dificilmente observável em outro qualquer

local dos presentemente conhecidos na Estremadura. Com efeito, em estudo recente (GIBSON, CORREIA & BURGESS, 1998) demonstrou-se a coexistência das cerâmicas de ornatos brunidos com as primeiras importações orientais, até ao século VIII a.C., no povoado do Alto do Castelinho da Serra, Évora. Mercê da sua excelente posição estratégica e visibilidade, dominando especialmente a fértil várzea de Sintra, situada na sua imediata adjacência, para Norte, a ocupação do morro do Castelo dos Mouros, viabilizaria o domínio territorial dos excelentes campos agrícolas, então por certo explorados pelo segmento menos favorecido, organizado em pequenos núcleos de raiz familiar – os “casais agrícolas”, na terminologia de MARQUES & ANDRADE (1974) – em condições estáveis e permanentes.

BIBLIOGRAFIA

- ARMBRUSTER, B. (1995) – O colar de Sintra. In: *A Idade do Bronze em Portugal* (S.O. Jorge, ed.), p. 103, Lisboa, Instituto Português de Museus.
- CARDOSO, J.L. (1995a) – Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 5, p. 87-96.
- CARDOSO, J.L. (1995b) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*, 34, p. 33-74.
- CARDOSO, J.L. (1996) – O Bronze Final da Baixa Estremadura e as cerâmicas de ornatos brunidos da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Sesimbra Cultural*, 5, p. 5-14.
- CARDOSO, J.L. & CARDOSO, G. (1996) – O povoado do Bronze Final do Alto dos Cabeços (Leião, Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6, p. 351-359.
- CARDOSO, J.L. & CUNHA, A. Santinho (1996) – *A Lapa da Furada (Sesimbra) – resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Câmara Municipal de Sesimbra, 59 p.
- CARDOSO, J.L. & CARREIRA, J. Roque (1993) – Le Bronze Final et le début de L'Âge du Fer dans la région riveraine de l'estuaire du Tage. *Méditerranée*, 2, p. 193-206.
- CARDOSO, J.L.; RODRIGUES, J.S.; MONJARDINO, J. & CARREIRA, J. Roque (1986) – A jazida do Bronze Final da Tapada da Ajuda. *Lisboa – Revista Municipal*, Série II, 15, p. 13-18.
- CARREIRA, J. Roque (1994) – A Pré-história recente do abrigo grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, p. 47-144. Lisboa.
- FARINHA, A.A.; PINTO, C. Vaz & VILAÇA, R. (1996) – Contributo para o estudo de materiais do Bronze Final provenientes do Monte de S. Martinho (Castelo Branco). *Materiais*, Série II, p. 45-64.

- GAMITO, T.J. (1990/92) – A cerâmica de retícula brunida do castro dos Ratinhos (Moura). *O Arqueólogo Português*, Série IV, 8/10, p. 277-297.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H. & BURGESS, C. B. (1998) – Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*, 0, p. 189-244.
- MADEIRA, J.; GONÇALVES, J.L.M.; RAPOSO, L. & PARREIRA, R. (1972) – Achados da Idade do Bronze no Monte da Pena (Barro/Torres Vedras) – notícia prévia. *O Arqueólogo Português*, Série III, 6, p. 207-212.
- MARQUES, G. & ANDRADE, M. (1974) – Aspectos da Proto-História do território português. 1 – Definição e distribuição geográfica da Cultura de Alpiarça (Idade do Ferro). *Actas do IV Congresso Nacional de Arqueologia* (Porto, 1973), 1, p. 125-148.
- MONTEIRO, J. Pinho (1980) – O acampamento do Bronze Final das Pontes do Marchil. In: *Descobertas arqueológicas do Sul de Portugal*, Lisboa/Setúbal, Centro de História das Universidades de Lisboa/Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal, 58 p.
- PEREIRA, G. (1894) – O collar da Penha Verde. *Bol. Real Assoc. Arch. Civis e Archeol. Port.*, 7 (1), p. 77-78.
- RIBEIRO, J. Cardim (1982/83) – Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de L. Iulivs Maelo Cavdicvs. *Sintria*, 1/2, p. 151-476.
- RIBEIRO, J. Cardim (1996, coord.) – *Sintra, Património da Humanidade*, p. 247 e seg.. Câmara Municipal de Sintra, 294 p.
- SERRÃO, E da Cunha (1958) – Cerâmica proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra), com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*, 9 (2), p. 177-186.
- SPINDLER, K.; CASTELLO-BRANCO, A. de; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O da Veiga (1973/74) – Le monument à coupole de l'Âge du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunic. Serv. Geol. Port.*, 57, p. 91-153.
- VICENTE, E. PRESCOTT & ANDRADE, G.M. (1971) – A estação arqueológica do Cabeço de Moinhos. Breve notícia. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia* (Coimbra, 1970), 2, p. 223-238. Coimbra.
- VILÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro Sul) nos finais da Idade do Bronze*. Trabalhos de Arqueologia, 9 (2 vol.). Lisboa, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico.



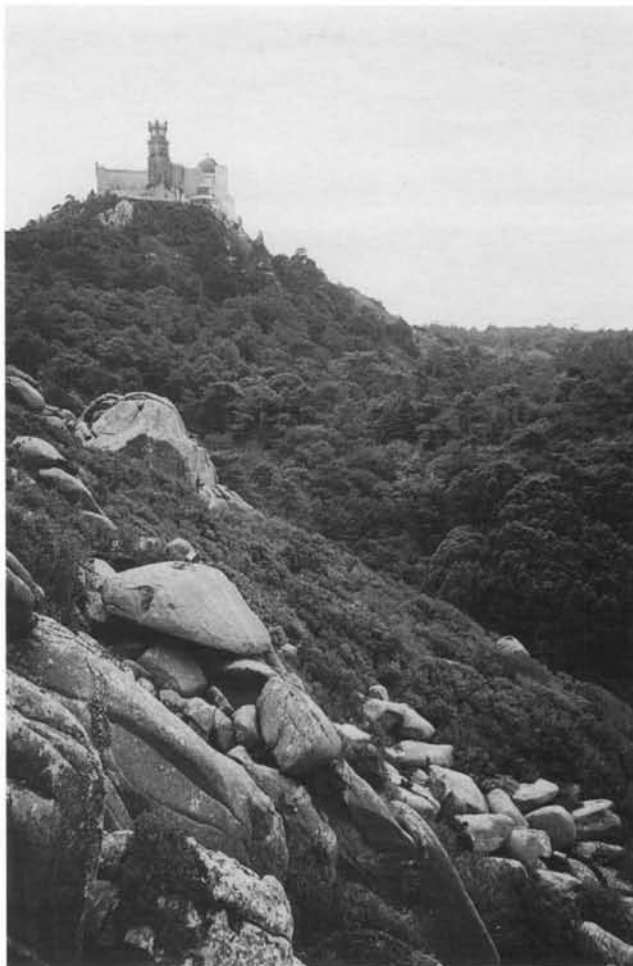


Fig. 3 – Povoado do Castelo dos Mouros. Ao centro, coberta por densa vegetação, observa-se plataforma declivosa correspondente ao local dos achados. Em último plano, a Pena. Foto de J. L. Cardoso.



Fig. 4 – Povoado do Castelo dos Mouros. Vista parcial da pequena plataforma objecto da sondagem de 1976. Foto depositada por Rui Oliveira no Museu Regional de Sintra.

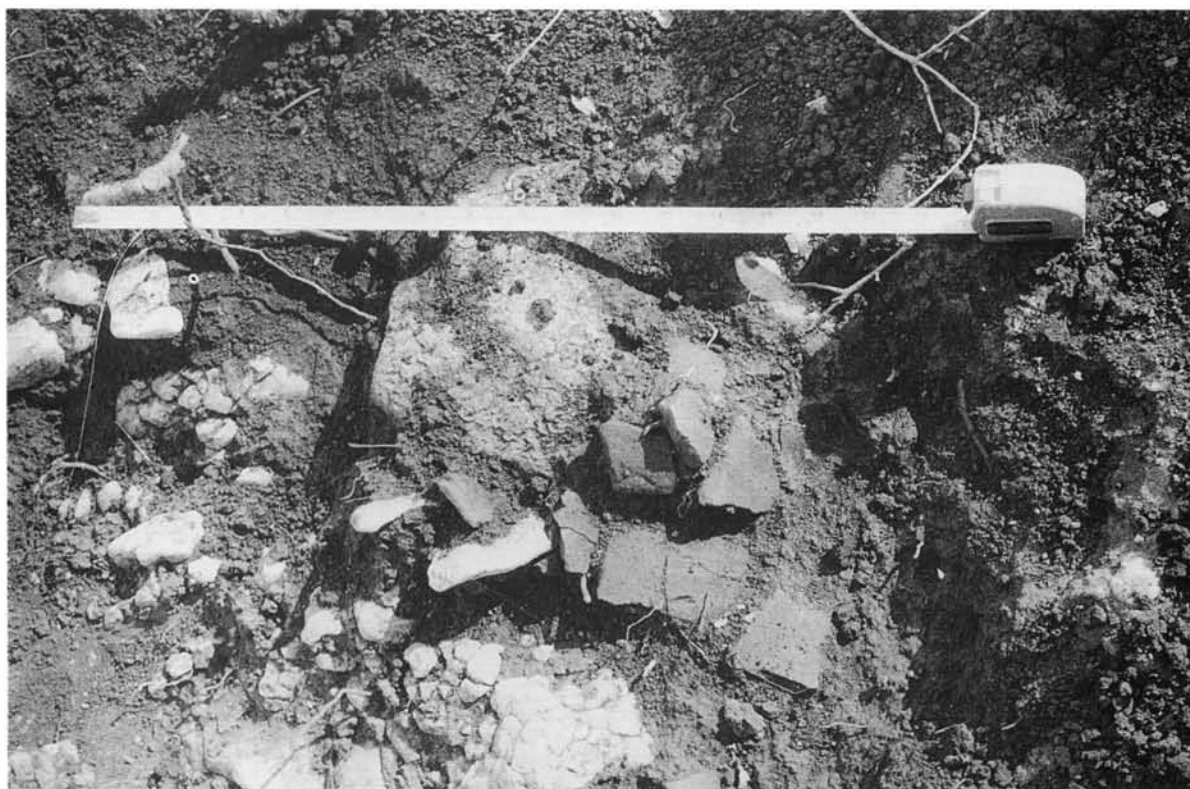


Fig. 5 – Povoados do Castelo dos Mouros. Pormenor de concentração de fragmentos cerâmicos, a pouca profundidade. Foto depositada por Rui Oliveira no Museu Municipal de Sintra.

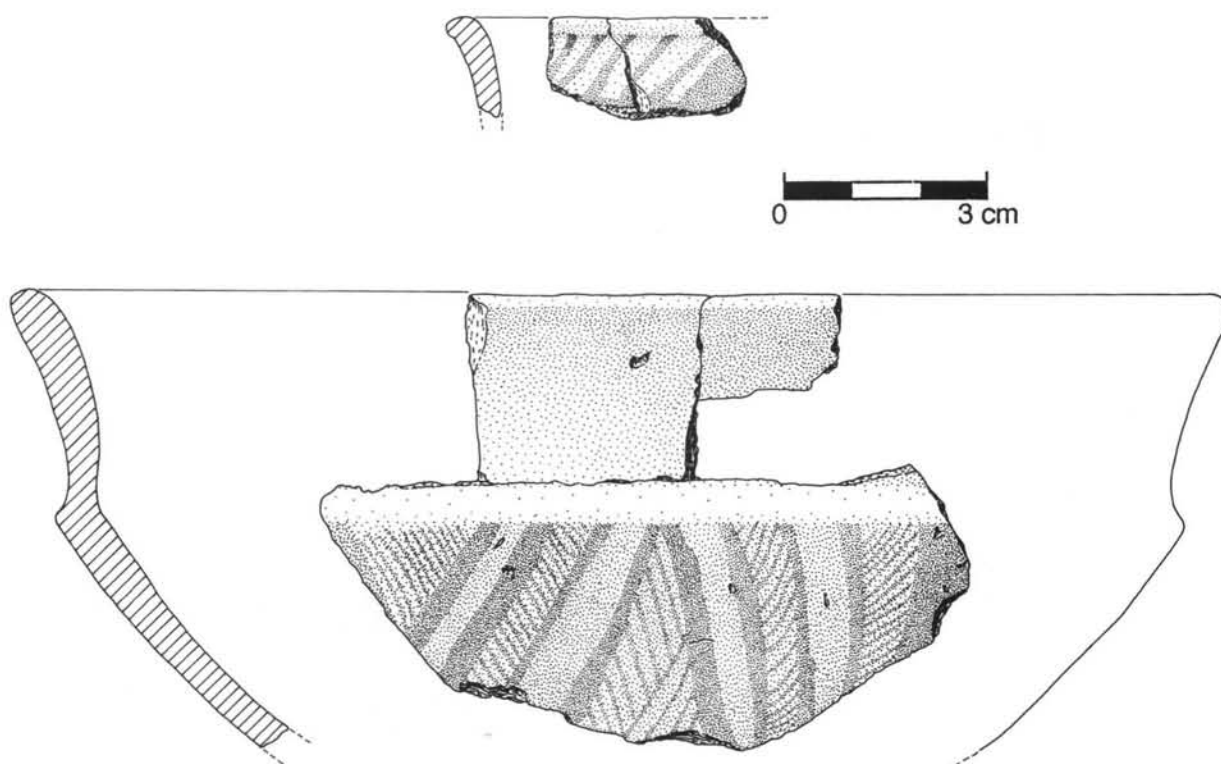


Fig. 6 – Povoados do Castelo dos Mouros. Taças de ornatos, brunidos, do fim do Bronze Final. Desenhos de B. Ferreira.

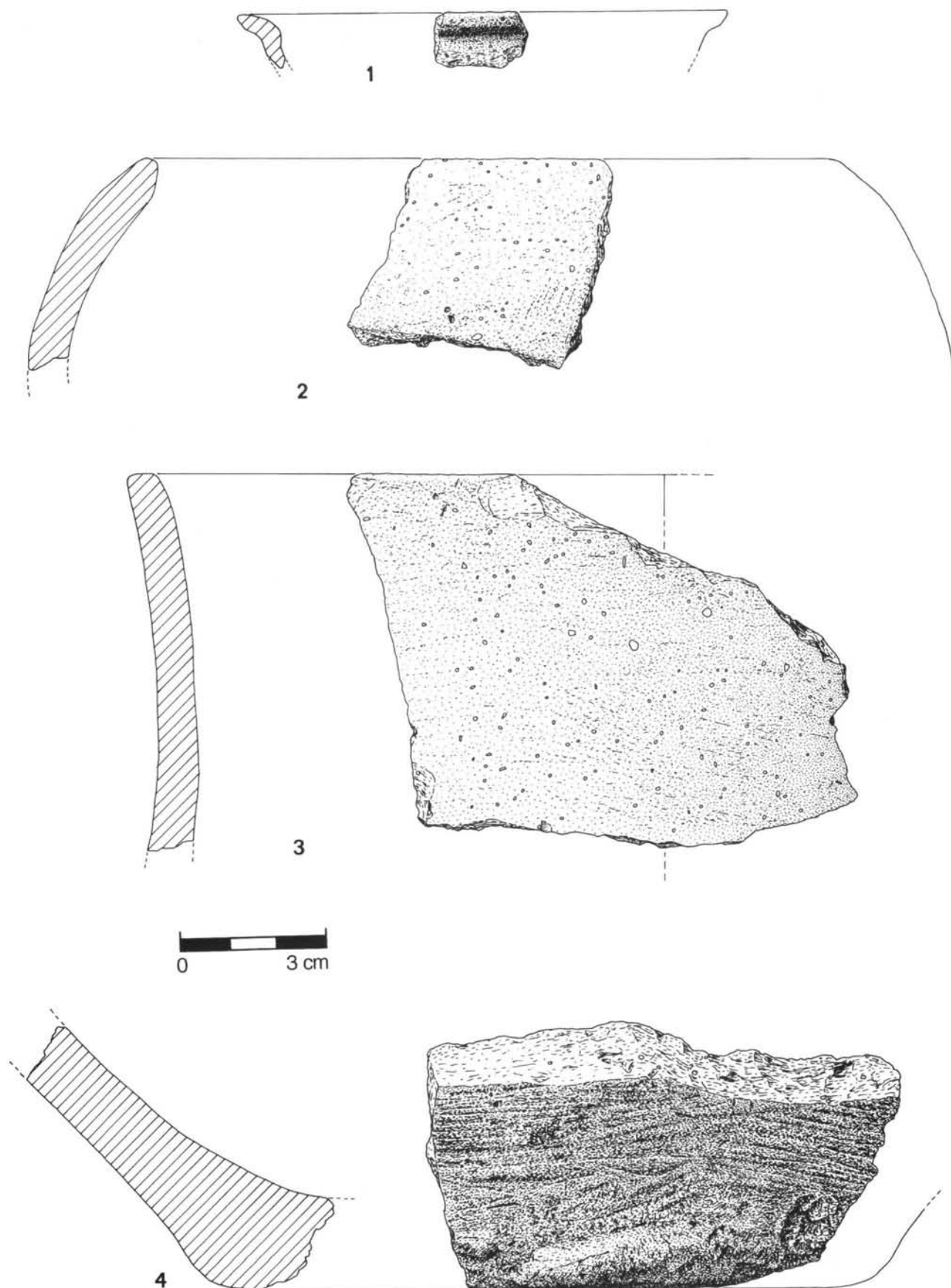


Fig. 7 – Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas do Bronze Final recolhidas junto à “porta giratória”, do lado intramuros (desenhos de B. Ferreira).

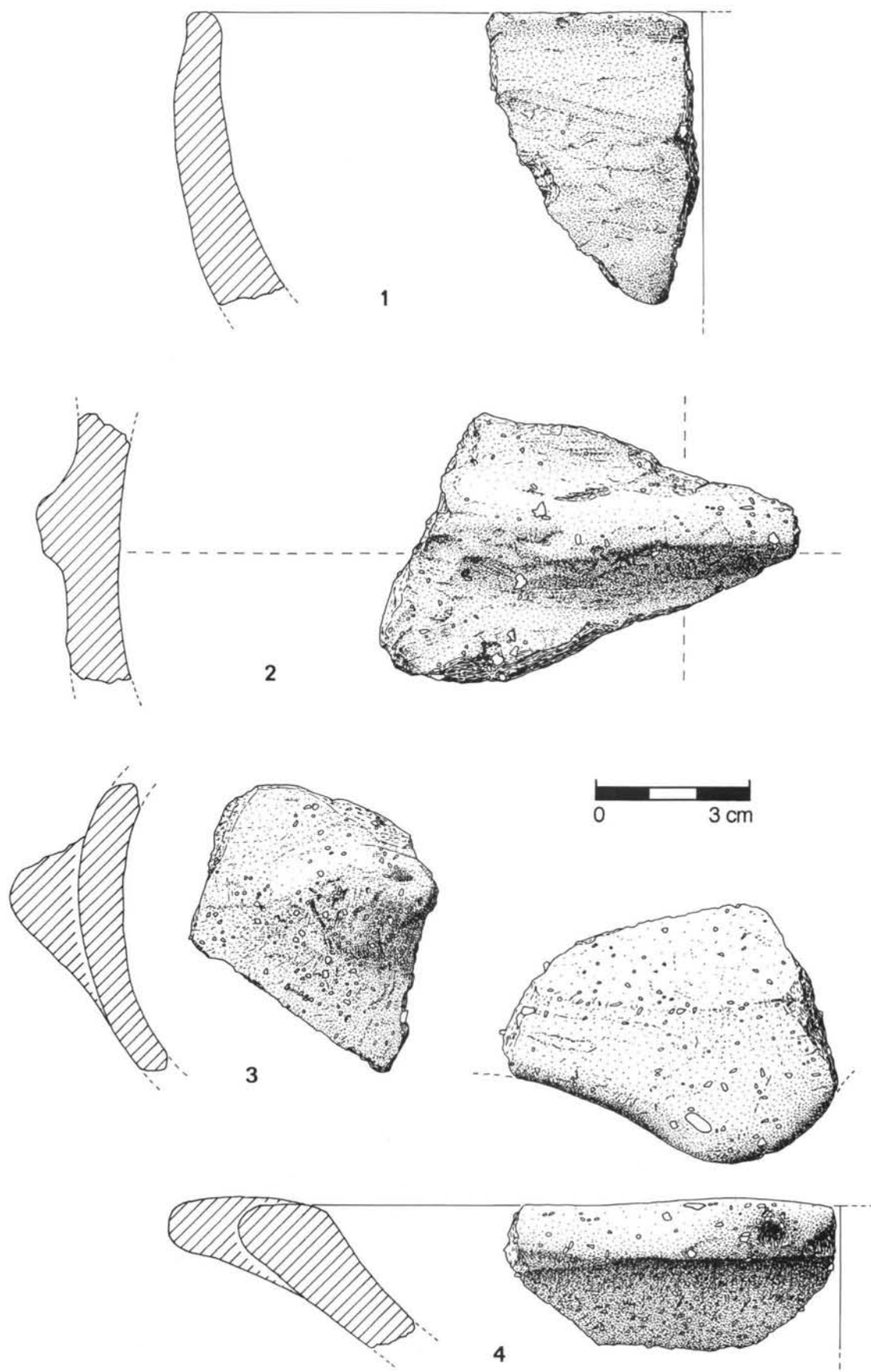


Fig. 8 – Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas lisas do Bronze Final recolhidas no Parque das Merendas (desenhos de B. Ferreira).

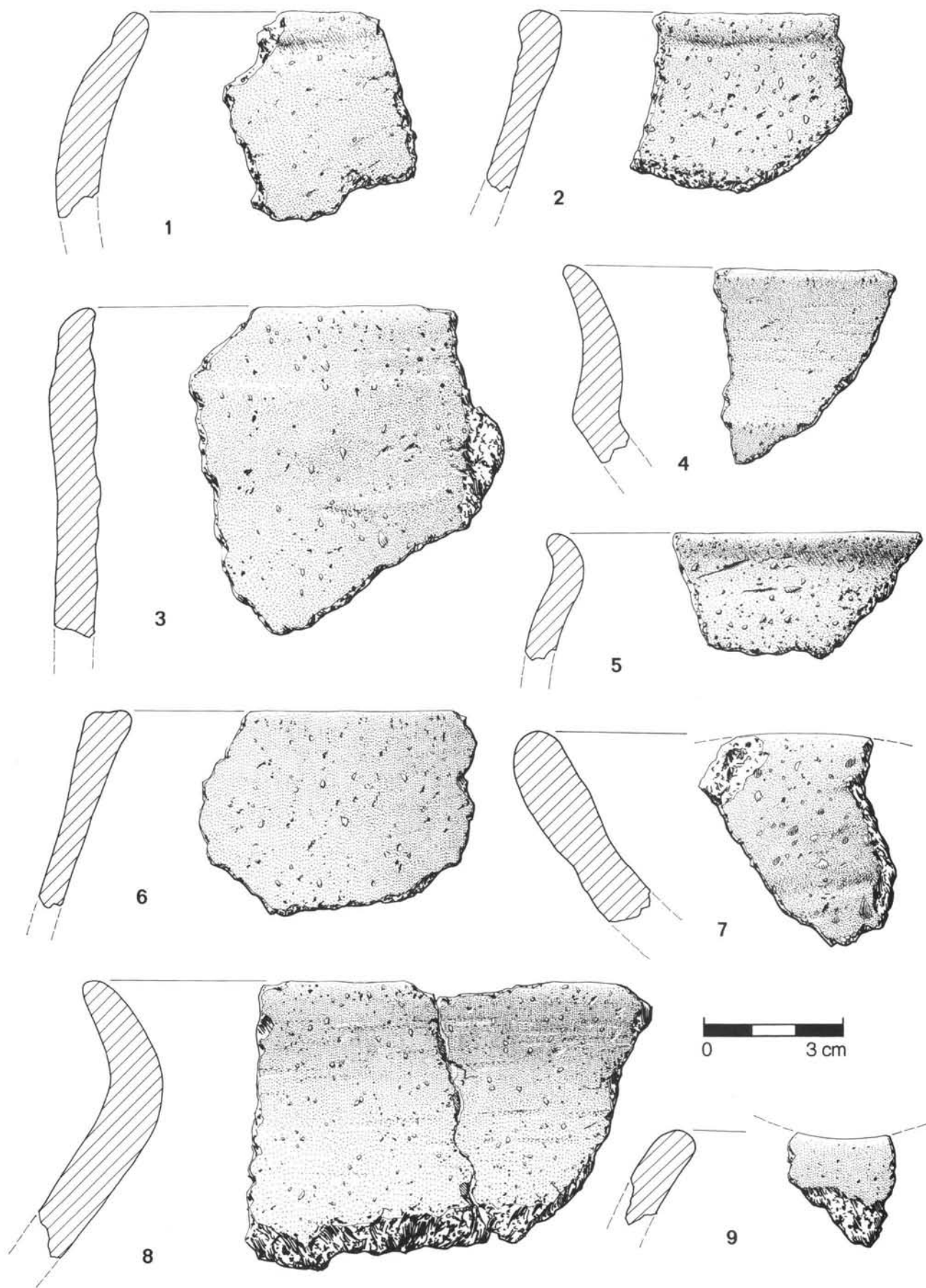


Fig. 9 - Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas lisas do Bronze Final (desenhos de Carlos Lemos).

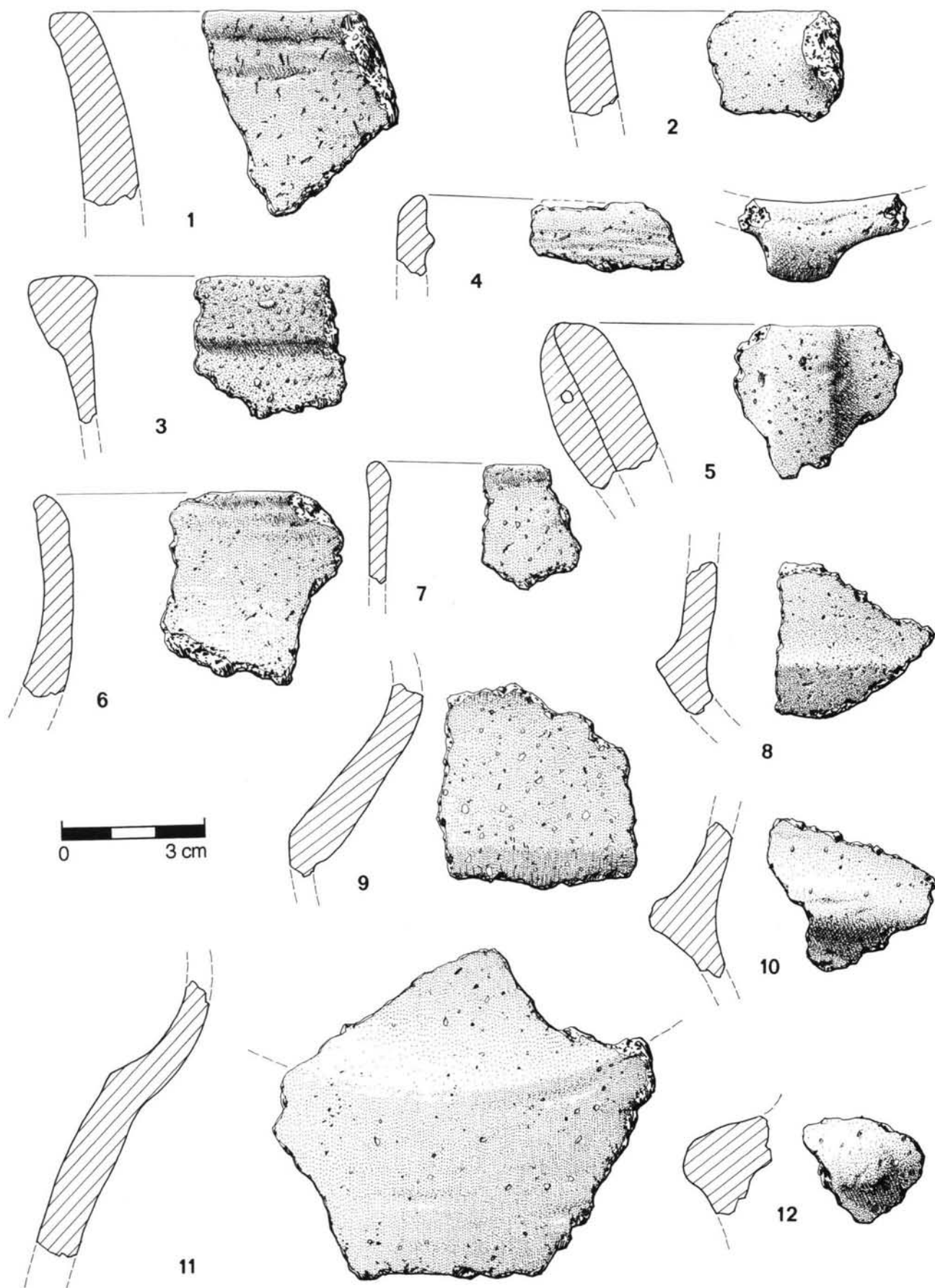


Fig. 10 – Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas lisas do Bronze Final (desenhos de Carlos Lemos).

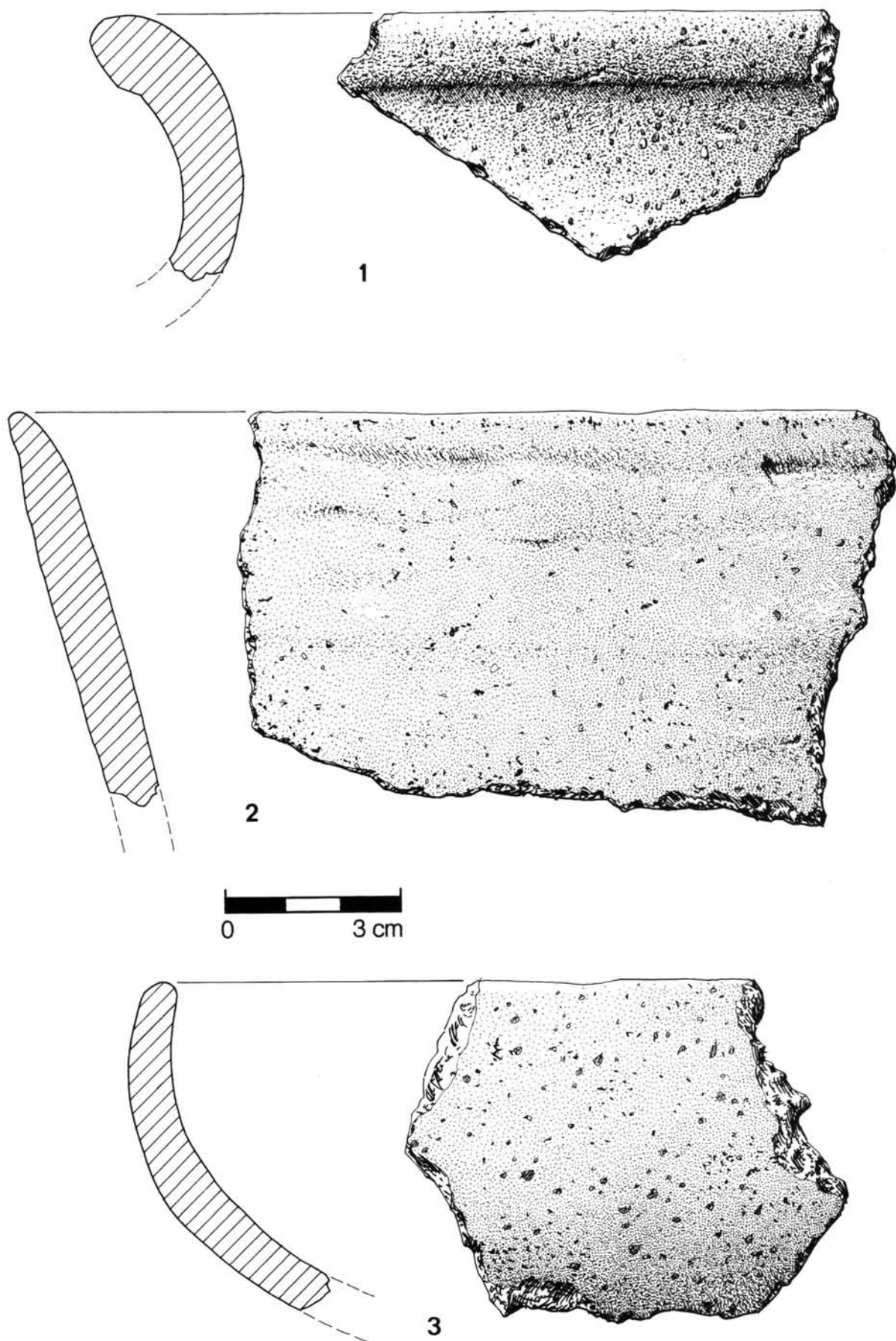


Fig. 11 – Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas lisas do Bronze Final (desenhos de Carlos Lemos).

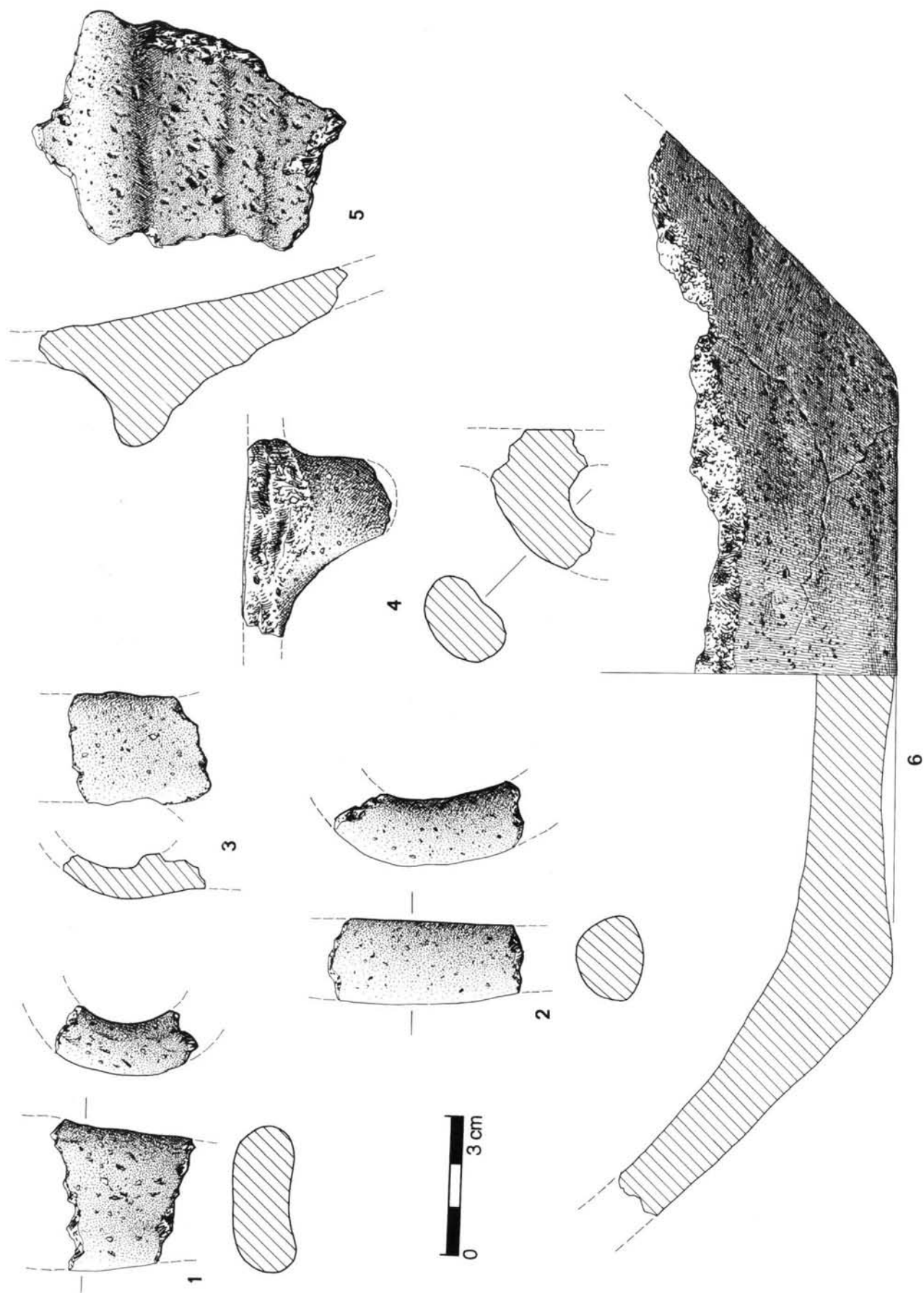


Fig. 12 – Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas lisas do Bronze Final (desenhos de Carlos Lemos).

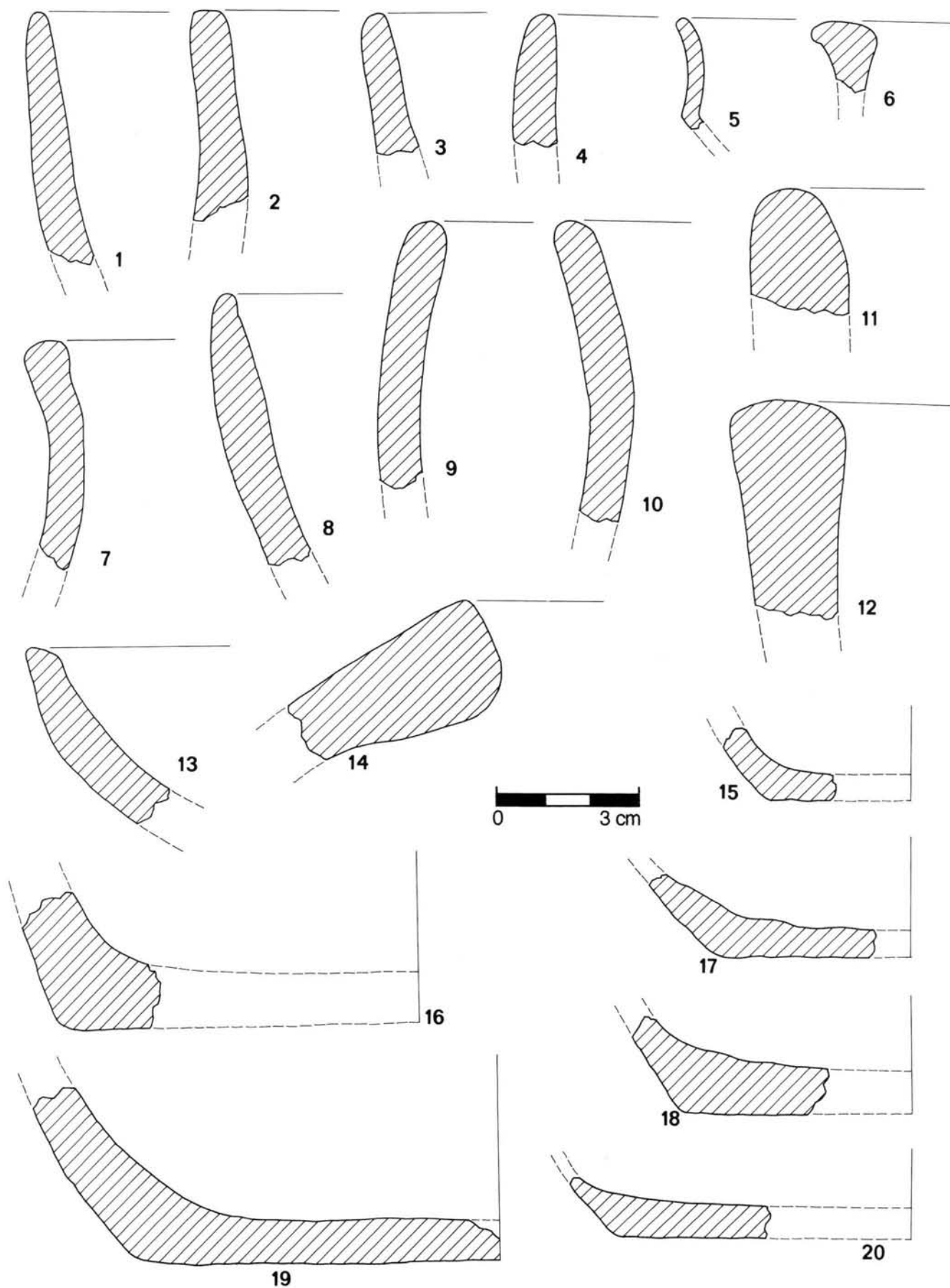


Fig. 13 – Povoado do Castelo dos Mouros. Cerâmicas lisas do Bronze Final (desenhos de Carlos Lemos).